

**DIA DE CAMPO
1979**

**INFORMAÇÕES
PARA LAVOURA
DE TRIGO**

 **EMBRAPA**
**CENTRO NACIONAL
DE PESQUISA DE TRIGO**

VINCULADA AO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Cultivares	Ciclo	Regiões Tritícolas	Altura	Reação ao crescimen- to	Outro
C 33	Precoce	Todas	Alta	R	MS
CNT 1	Precoce	Todas	Alta	R	S
CNT 7	Precoce	Todas	Alta	R	S
CNT 8	Precoce	Todas	Alta	R	MS
CNT 9	Precoce	Todas	Alta	R	S
CNT 10	Precoce	Todas	Alta	R	S
COTIPORÃ (C-3)	Precoce	Todas	Alta	R	MS
COXIMA (S 46)	Precoce	III-IV-VII-VIII	Alta	R	MS
IAC-5 MARINÓ	Precoce	Todas	Alta	R	MS
IAS 64	Precoce	Todas	Alta	R	MS
MASCARENHAS	Precoce	Todas	Alta	R	AS
MULTIPLICACION	Precoce	Todas	Alta	R	AS
NOVA (S 11)	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 18	Precoce	Todas	Alta	R	S
PAT 19	Precoce	Todas	Alta	R	S
PAT 20	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 21	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 22	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 23	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 24	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 25	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 26	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 27	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 28	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 29	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 30	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 31	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 32	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 33	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 34	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 35	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 36	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 37	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 38	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 39	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 40	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 41	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 42	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 43	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 44	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 45	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 46	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 47	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 48	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 49	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 50	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 51	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 52	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 53	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 54	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 55	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 56	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 57	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 58	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 59	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 60	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 61	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 62	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 63	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 64	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 65	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 66	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 67	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 68	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 69	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 70	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 71	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 72	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 73	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 74	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 75	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 76	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 77	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 78	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 79	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 80	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 81	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 82	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 83	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 84	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 85	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 86	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 87	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 88	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 89	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 90	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 91	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 92	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 93	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 94	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 95	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 96	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 97	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 98	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 99	Precoce	Todas	Alta	R	MS
PAT 100	Precoce	Todas	Alta	R	MS

APRESENTAÇÃO

Devido a grande importância da cultura do trigo na economia brasileira, o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo vem dedicando seus esforços no intuito de aumentar a produtividade nacional.

Nossa equipe de pesquisadores vem dedicando esforços para criar tecnologia para o triticultor, que por sua vez, deve tê-la sempre em mente no momento de planejar a sua lavoura. Assim, por ocasião da realização deste DIA DE CAMPO, que objetiva mostrar parte do esforço e dos resultados alcançados por esta Unidade da EMBRAPA, chamamos a sua atenção para algumas informações para o sucesso da sua lavoura, as quais, poderão ser detalhadas e complementadas pelos agrônomos da assistência técnica, melhorando produtividade e segurança da triticultura.

Relação de cultivares, ciclo, regiões onde são recomendadas para cultivo

Cultivares	Ciclo	Regiões Tritícolas	Altura	Reação ao crestanen- to	Oídio
PREFERENCIAIS	C 33	Todas	Alta	R	MS
	CNT 1	Todas	Alta	R	S
	CNT 7	Todas	Alta	R	S
	CNT 8	Todas	Alta	R	MS
	CNT 9	Todas	Alta	R	S
	CNT 10	Todas	Alta	R	S
	COTIPORÃ (C-3)	Todas	Alta	R	MS
	COXILHA (S 46)	III-IV-VII-VIII	Alta	R	MS
	GLÓRIA	V-VII-VIII-IX	Baixa	S	S
	IAC-5 MARINGÃ	Todas	Alta	R	MS
	IAS 61	Todas	Alta	R	MR
	IAS 64	Todas	Alta	R	S
	JACUÍ (S 63)	Todas	Alta	R	MS
	MASCARENHAS	Todas	Alta	R	AS
	MULTIPLICACION 14	VII-VIII-IX	Alta	S	MS
	NOBRE (S 31)	Todas	Alta	R	S
	PAT 19	Todas	Alta	R	S
	PAT 7219	Todas	Alta	R	S
	VACARIA (C 51)	Todas	Alta	R	S
	BR 3	Todas	Alta	R	MS
	BR 4	Todas	Alta	R	MS
	PAT 7393	V-IX	Alta	R	MS
	SANTIAGO	Todas	Alta	R	S
	CINQUENTENÁRIO (C 15)	Todas	Alta	R	MS
	HERVAL	IX	Média	R	MR/MS
	HULHA NEGRA	Todas	Alta	R	MR
	TOROPI (S 1)	Todas	Alta	R	MR
TOLERADAS	B 20		Alta	R	AS
	CNT 2		Alta	R	S
	CNT 3		Alta	R	S
	ERECHIM (S 18)		Alta	R	MS
	FRONTANA		Alta	R	MS
	IAS 54		Média	MR	AS
	IAS 55		Média	MR	AS
	IAS 58		Alta	MR	MS
	IAS 62		Alta	R	MR
	IAS 63		Alta	R	S
	S 76		Alta	R	S
	ENCRUZILHADA		Alta	R	S

R = Resistente; MR = Moderadamente Resistente; MS = Moderamen-
te Suscetível; S = Suscetível; - = Sem Informação; AS = Alta
Suscetibilidade; DES = Desuniforme (Plantas resistentes e plan-
tas suscetíveis).

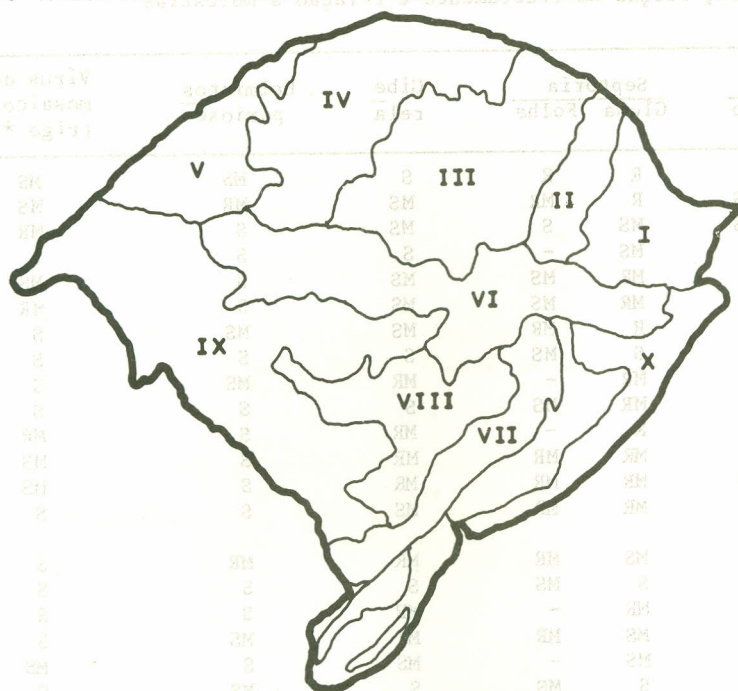
no RS, altura, reação ao crestamento e relação à moléstias

Ferrugem		Septoria		Gibe	Helminthosporiose	Vírus do mosaico do trigo **
Folha	Colmo	Gluma	Folha	rela		
S	S	R	R	S	MS	MS
S	DES	R	MR	MS	MR	MS
S	DES	MS	S	MS	S	MR
S*	R	MS	-	S	S	S
S*	MR	MR	MS	MS	S	MS
S*	S	MR	MS	MS	S	MR
S	R	R	MR	MS	MS	S
S	S	S	MS	S	S	S
DES*	S	MR	-	MR	MS	S
S	S	MR	MS	S	S	S
S	S	R	-	MR	S	MR
S	R	MR	MR	MR	S	MS
S*	DES	MR	MR	MR	S	MS
S*	S	MR	MR	MS	S	S
S*	S	MS	MR	MR	MR	S
S	S	S	MS	S	S	S
S*	S	MR	-	MR	S	S
S*	DES	MS	MR	MR	MS	S
S	S	MS	-	MS	S	MS
S*	MR	S	MS	S	MS	S
S*	MR	S	S	S	R	MS
S*	MR	MR	MR	R	MS	-
S*	S	R	MR	MS	MS	MS
S*	DES	R	S	MS	MS	S
S*	R	-	-	S	MR	S
S*	R	-	-	MS	R	S
S*	R	R	R	R	MS	S
DES	-	MR	MR	MS	MS	S
S	S	MR	S	MS	S	MR
S	S	MS	S	MS	S	MS
S	S	S	S	S	MS	S
S	S	S	MR	MS	MR	S
S	S	MR	S	S	S	S
S	DES	MR	MR	S	S	R
S*	DES	R	MR	MR	S	R
S	S	MR	MR	MS	S	R
S	S	R	-	MR	S	R
S	S	MR	MR	MR	MR	S
S	R	S	-	R	MR	S

* Em média infecções menores no campo.

** Pode ocorrer mosaico em variedades R ou MR desde que as condições sejam extremamente favoráveis à doença.

2. REGIÕES TRITÍCOLAS NO RIO GRANDE DO SUL



ÉPOCAS DE SEMEADURA

Regiões	CULTIVARES	
	Precoces	Tardias
I	15/6-31/7	10/6-20/7
II	01/6-10/7	20/5-10/7
III	25/5-10/7	10/5-30/6
IV	15/5-30/6	10/5-20/6
V	10/5-30/6	15/5-15/6
VI	15/5-30/6	10/5-20/6
VII	25/5-10/7	20/5-10/7
VIII	01/6-10/7	20/5-30/6
IX	01/6-20/7	10/5-30/6

CONSULTE O AGENTE DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA

3. ADUBAÇÃO E CALAGEM RECOMENDADA

O trigo tem apresentado resposta positiva a calagem em doses até a metade das atuais recomendações dos laboratórios oficiais de análise de solos, RS e SC.

A adubação de manutenção deve ser escolhida com base nas recomendações dos laboratórios de análise de solos. Esta recomendação, por sua vez, só é válida se na amostragem do solo todos os cuidados foram observados, de modo que a amostra seja representativa da lavoura.

A adubação nitrogenada deverá ser realizada colondo-se 1/3 da dose recomendada por ocasião da semeadura e 2/3 no perfilhamento.

4. DENSIDADE DE SEMEADURA

Precoces - 300 sementes aptas/m²

Tardias - 250 sementes aptas/m²

5. ESCOLHA DE ÁREAS

As lavouras de trigo que foram realizadas em áreas que tenham sido cultivadas ininterruptamente com trigo, especialmente naquelas que receberam elevadas aplicações de calcário (mais da metade da recomendação para soja), ou quando este foi mal distribuído ou incorporado, começarão a ser atacadas de "mal-do-pé"

CONSULTE O AGENTE DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA

dois anos depois da aplicação do corretivo e terão ataques crescentes nos próximos anos. O "mal-do-pé" e os agentes causadores de um sistema radicular deficiente do nosso trigo somente podem ser controlados, até o momento, pela rotação de cultivos.

CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES

- Procure plantar mais de 1 cultivar em sua propriedade.
- Para plantio em áreas onde tenha sido observado a ocorrência do vírus do mosaico do trigo, ou em áreas que tenham recebido aplicação de calcário em dose superior a recomendação (1/2 SMP), use cultivares resistentes (R) ou moderadamente resistentes (MR) a essa virose.
- A melhor maneira de controlar a erosão e ganhar dinheiro é não mais queimar a palha, seja do trigo ou da soja.

A redução das operações de preparo do solo, de modo a manter parte da palha sobre o solo, dá ao trigo boas condições de desenvolvimento e aumenta a eficiência do controle à erosão e da utilização do combustível.

- As doenças de raízes de trigo podem ocorrer em manchas, como no caso do mal-do-pé causado pelo fungo Ophiobolus graminis (Gaeumannomyces graminis var.

CONSULTE O AGENTE DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA

tritici) ou em toda a lavoura, quando causadas por fungos tais como Helminthosporium sativum e Fusarium spp. A maneira mais prática, eficiente e correta de controle destas doenças é através da rotação de culturas. Resultados obtidos em 1978 no CNPT, indicaram que lavouras que permaneceram por períodos de três ou mais anos sem o cultivo de cereais suscetíveis, tais como trigo, cevada ou centeio, geralmente apresentavam raízes de trigo sadias e bem desenvolvidas.

Recomenda-se o tratamento das sementes oriundas de lavouras que apresentavam alta incidência de carvão, com um fungicida recomendado. Igualmente, sementes provenientes de lavouras que revelaram ataque de cárie, devem ser tratadas.

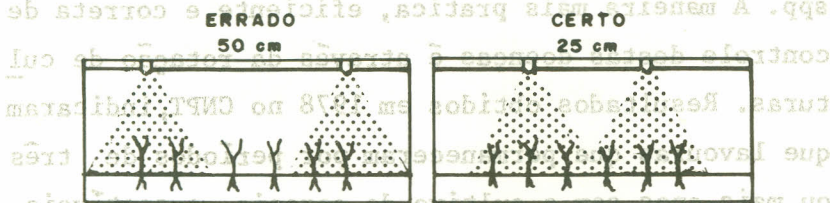
Os resultados de pesquisa com adubação foliar em trigo, nos anos de 1975 e 1976 e em soja na safra de 1977/78, demonstraram não haver aumento significativo na produção das duas culturas. A análise econômica dos ensaios com adubação foliar em trigo demonstrou haver prejuízo com a aplicação desse produto. Portanto, com base nesses resultados, não se recomenda a utilização de tal prática.

APLIQUE O FUNGICIDA CORRETAMENTE

1. Use pulverizador de barra com bicos adequados tipo cone: HX4 ou D2-13.

CONSULTE O AGENTE DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA

2. Coloque os bicos a uma distância de 20 a 30 centímetros um do outro.



3. Trabalhe sempre com volumes de 200 a 300 litros de água por hectare. No caso de pulverização aérea, use volumes de 30 a 50 litros por hectare.
4. Planeje antes o caminho que vai seguir o trator na lavoura a fim de não amassar muito e também não deixar áreas sem tratar. Ande sempre sobre o mesmo trilho evitando "zig-zag". O amassamento do trigo pelas rodas do trator pode causar perdas que variam de 5 a 8 % da produção.
5. Disponha de pulverizadores suficientes para tratar em tempo sua lavoura. Calcule pelo menos um pulverizador para cada 70 a 100 hectares.
6. O controle das doenças só será eficiente se você fizer todas as aplicações nas épocas certas e de uma maneira correta.

APLIQUE O FUNGICIDA CORRETAMENTE

CONTROLE DE PULGÕES

Deve-se aplicar inseticidas nos estádios que vão do

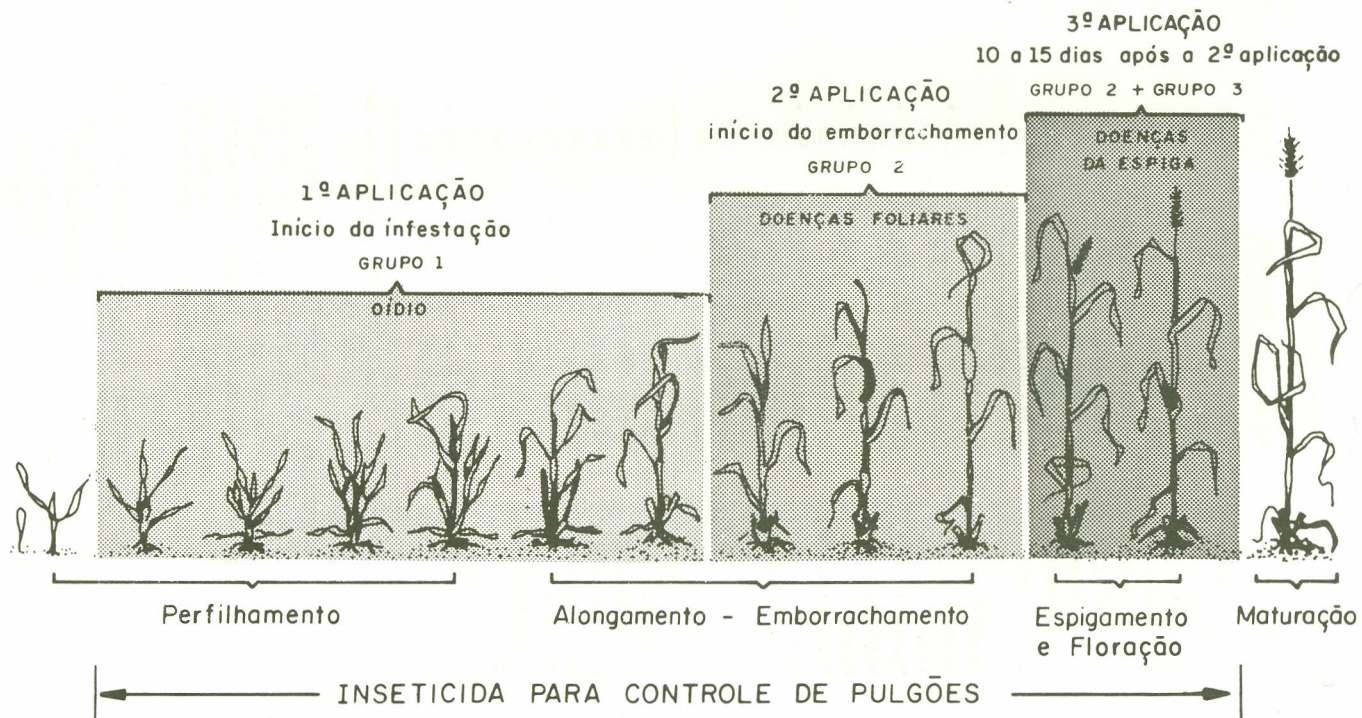
CONSULTE O AGENTE DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA

CONSULTE O AGENTE DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA

afilhamento ao emborrachamento somente quando 10 % das plantas estiverem atacadas por pulgões. Reaplicar com o aparecimento de colônias completas (ninfas, adultos ápteros e alados).

Nos estádios do espigamento ao grão em massa, as aplicações devem ser realizadas quando houver de 10 a 20 pulgões ápteros por espiga.

CONSULTE O AGENTE DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA



Fungicidas recomendados pela Comissão Sul Brasileira de Pesquisa de

Grupo	Nome técnico	Ação	Dosagem	Concen- tração %	Persistên- cia média dias
I	Dinocap	Contato	0,5 l	45	10
	Enxofre	Contato	3,0 kg	80	5-7
	Ethirimol	Sistêmico	1,0 l	28	10-15
	Oxiotioquinox	Contato	0,6 kg	25	10
	Pirazofós	Sistêmico	1,0 l	30	10-15
	Triadimefon	Sistêmico	0,5 kg	25	20-25
	Tridemorfo	Sistêmico	0,5 l	75	10-15
	Triforine	Sistêmico	1,0 l	19	10-15
II	Maneb*	Contato	2,5 kg	80	10
	Maneb+	Contato	2,0 kg	62,4+	10
	TFAE			4,4	
	Maneb +	Contato +	2,5 kg +	80 +	
	Captafol	Contato	2,0 l	48	10
	Maneb +	Contato +	2,5 kg	80 +	15
	Piracarbolid	Sistêmico	1,0 l	30	
	Maneb +	Contato +	2,0 kg	80 +	20-25
	Triadimefon	Sistêmico	0,5 kg	25	
	Propineb	Contato	3,0 kg		
III	Zineb	Contato	2,5 kg	75	10
	Ziran	Contato	2,5 kg	50	10
	Benomyl	Sistêmico	0,5 kg	50	10-15
	Carbendazim	Sistêmico	0,5 l	60	10-15
	Thiabendazole	Sistêmico	0,7 l	40	10-15
	Metiltiofanato	Sistêmico	0,7 l	70	10-15
	Maneb +	Contato +	2,0 kg +	80 +	20-25
	Triadimefon	Sistêmico	0,5 kg	25	
	Mancozeb +	Contato +	2,5 kg	64 +	10-15
	Carbendazim	Sistêmico		10	
	Maneb +	Contato +	2,5 kg	60 +	10-15
	Metiltiofanato	Sistêmico		14	

* - Por Maneb entende-se: Maneb, Maneb Ativado ou Mancozeb.

Programa de Tratamento:

1ª aplicação: Em variedades suscetíveis a oídio, aplicar um dos produtos do Grupo I, no início da ocorrência desta moléstia. Caso ocorrer recolonização desse fungo reaplicar o fungicida. Sempre que ocorrer ferrugem da folha no cedo, use um oídicida que controle também a ferrugem. Em falta desta adicione Maneb ao oídici da específico.

2ª aplicação: Para o controle das septorioses e ferrugens usar produtos do Grupo II que deverão ser aplicadas preventivamente durante o EMBORRACHAMENTO, preferencialmente no início. Sempre que ocorrer ferrugem da folha é necessário controlá-la, independente do estágio em que estiver a planta, com um dos produtos do Grupo II.

Trigo para o Rio Grande do Sul - 1979

DL 50 (mg/kg/PV)		Classificação toxicológica	Nome Comercial
Oral	Dermal		
980	>9400	Pouco tóxico	Karathane
-	-	Não	Diversos
1000	-	Mediano	Milgo E
2500	>1000	Pouco	Morestan
140	-	Altamente	Afugan
568	>1000	Pouco	Bayleton
1000	-	Medianamente	Calixin
16000	10000	Pouco tóxico	Soprol
6750	-	Pouco	Dithane M-45-Manzate D+
-	-	-	Brema
-	-	-	Dithane M-45-Manzate D+
-	-	-	Horto Difolatan 4F
-	-	-	Dithane M-45-Manzate D+
-	-	-	Sicarol
-	-	-	Dithane M-45-Manzate D+
-	-	-	Bayleton
5200	-	Praticamente não	Antracol
1400	-	Pouco	Zineb Sandoz
-	-	-	Rodizan
10000	>1000	Praticamente não	Benlate-Benomyl Nortox
6400	-	Praticamente não	Derosal
3300	-	Pouco	Tecto 40 F
9700	10000	Praticamente não	Cercobin M 70-Cycosin
-	-	-	Dithane M-45-Manzate D+
-	-	-	Bayleton
-	-	-	Delsene M
-	-	-	Caligram M

3ª aplicação: Visando, principalmente, o controle de doenças da espiga deve-se pulverizar produtos do Grupo III acrescidos de produtos do Grupo II, 10 a 15 dias após a 2ª aplicação (floração).

Observação: Caso ocorrer muita chuva e mormaço após a 3ª aplicação faça uma 4ª aplicação com fungicidas do Grupo II. Sempre que chover logo após as pulverizações é necessário repetir o tratamento.

Especificação dos inseticidas recomendados pela Comissão Sul Brasileira

Nomes Técnicos	Grupos químicos	% p.a formulação		Doses kg ou l/ha comercial	Eficácia (%)	Período do pro- teção (dias)	Toxi- dez a Pred. *	Toxidez dermal (Mamif.)
1. Clorpirifós	Fosf.	40.8	E	0,4	80-90	10-15	M	M
2. Dimetoato	Fosf. sist.	40-50	CE	0,7	40-60	10-15	A	M
3. Dicrotofós	Fosf. sist.	25	S	0,4	75-97	15-20	A	M
4. Monocrotofós +Endossulfan	Fosf. sist. Clor.	35	S	1,5	-	-	M	A
5. Fenitrothion	Fosf.	50	E	1,0	85-95	10-15	A	M.L
6. Fenitrothion + Malation	Fosf. Fosf.	50-50	E	1,0	70-90	10-15	A	M.L
7. Fosalone	Fosf.	35	E	1,5	75-95	10-15	A	M
8. Fosfamidon	Fosf. sist.	30	E	0,6	65-75	15-20	A	B
9. Malation	Fosf.	100	E	1,5	85-95	10-15	A	M.L
10. Metil-S- Demeton	Fosf.	25	CE	0,5	75-95	15-20	M	A
11. Monocrotofós	Fosf. sist.	60	CE	0,3	75-95	15-20	A	A
12. Ometoato	Fosf. sist.	100	CE	0,25	75-95	15-20	A	B
13. Paration me- tílico	Fosf.	60	CE	0,8	85-95	10-15	A	A
14. Pirimicarb	Carb.	50	GD	0,15	85-95	05-10	N	M
15. Tiometom	Fosf.	25	CE	1,0	70-90	15-20	A	M
16. Vamidotion	Fosf.	40	CE	1,0	75-95	15-20	B	B

* Efeito tóxico em predadores de pulgões Cycloneda sanguinea e Eriopsis connexa.

** Intervalo entre a última aplicação do inseticida e a colheita.

*** Aumento relativo médio, obtido em dois anos de experimentação, em relação ao rendimento de grãos comparando-se com área sem tratamento.

de Pesquisa de Trigo para uso no combate aos pulgões

Gasto p/prod. Cr\$100, trigo	Carên- cia **	Aumen- to re- lativo ***	Nomes co- merciais	DL 50 (mg/kg)		Classifi- cação to- xicológica *****
				Oral ****	Dermal	
-	21	105	Lorsban, Dursban	163	2000	Alt. tó- xico
3,56	30	86	Perfection 50 CE	500-600	700-1150	Media.tó- xico
3,58	30	68	Afidrin 25 S	-	-	
-	3	-	Thiodan 35 S	55-220	359	Alt. tó- xico
9,55	15	91	Folithion 50 E	250	>3000	Media.tó- xico
10,28	15	82	Ambition 1000 E	-		
11,15	21	89	Zolone 35 E	120-170	1000	Alt. tó- xico
3,82	21	82	Dimecron 50 E	28	530	Alt. tó- xico
8,90	7	79	Malatol 100 E	2800	4000	Pouco tóxico
5,22	21	69	Metosystox- 1-25 CE	57	-	Alt. tó- xico
4,95	30	76	Nuvacron; Azodrin 60E	13-23	149-709	Alt. tó- xico
4,65	30	86	Folimat 100 CE	50	700	Alt. tó- xico
7,41	21	90	Folidol 60	14-24	67	Alt. tó- xico
5,44	21	80	Pirimor 50 GD	147	>300	Media, tóxico
6,68	42	70	Ekatin 25 CE	120-30	700-900	Alt. tó- xico
12,35	30	81	Kilval 40 CE	100-105	1460	Alt. tó- xico

**** Toxidade (DL 50 mg/kg); muito alta 5; alta 6 a 50; moderada 51 a 5000; baixa 501 a 5000; muito leve acima de 5000.

***** Segundo portaria do Ministério da Agricultura - Portaria 749 do Diário Oficial da Nação, publicada em 17.11.77.

